

LINGUAGEM E ALTERIDADE EM MERLEAU-PONTY

LANGUAGE AND ALTERITY IN MERLEAU-PONTY

Renato dos Santos¹

RESUMO:

O presente artigo possui por objetivo analisar a questão da alteridade no horizonte da linguagem em Merleau-Ponty. Após superar o espectro de uma linguagem pura, Merleau-Ponty realiza uma ressignificação da linguagem na medida em que possibilita a relação entre o Eu e o Outro por meio da irredutibilidade de sentido que a linguagem criadora proporciona. Trata-se, agora, de explicitar a camada de silêncio que perpassa pelo estofado das palavras, a qual servirá como gênese de criação de sentido pelos sujeitos falantes. Por fim, mostramos, entre outras coisas, como a questão da alteridade é forjada a partir da noção de intercorporeidade e emparelhamento.

Palavras-chave: Linguagem. Intercorporeidade. Alteridade. Merleau-Ponty.

ABSTRACT:

This article has the objective of analyzing the issue of alterity on the horizon of language in Merleau-Ponty. After overcoming the specter of a pure language, Merleau-Ponty performs a redefinition of language in that it enables the relationship between the Self and the Other through the irreducible sense that the creative language provides. It is now to explain the silence layer that permeates the stuff of words, which will serve as the genesis of the creation of meaning by speaking subjects. Finally, we show, among other things, as the question of otherness is forged from the notion of intercorporeality and pairing.

Key-words: Language. Intercorporeality. Alterity. Merleau-Ponty.

Na experiência do diálogo, a fala do outro vem tocar em nós nossas significações, e nossa fala vai, como o atestam as respostas, tocar nele suas significações, invadimo-nos um ao outro na medida em que pertencemos ao mesmo mundo cultural, e em primeiro lugar à mesma língua, e na medida em que meus atos de expressão e os do outro pertencem à mesma instituição².

A maioria dos filósofos ao estruturar um determinado sistema filosófico necessariamente precisou, diretamente ou indiretamente, transitar pelo tema da linguagem. Se considerarmos a função básica da linguagem, veremos que ela aparece na filosofia como uma forma de “uso de signos intersubjetivos, que são os que possibilitam a comunicação”³.

¹Mestrando em Filosofia pela PUC-PR. E-mail: renatodossantos1@hotmail.com

²MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*. 1. ed. São Paulo: CosacNaify, 2012, p. 228.

³ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, p. 615.

Em Merleau-Ponty, o tema da linguagem já se encontra esboçado na obra *Fenomenologia da Percepção* (1945), porém mais como expressão do corpo próprio do que a linguagem enquanto tal. É a partir de 1950 que o filósofo se dedica em investigar sistematicamente a questão da linguagem de modo a explicitar o horizonte da comunicação linguística, inserindo-se assim nas significações simbólicas do mundo cultural.

Se na primeira fase do filósofo o tema da alteridade foi tratado a partir de um recuo ao sensível e o desvelamento de uma camada pré-reflexiva no corpo próprio, a segunda será por meio de uma análise da linguagem desembocando em uma teoria da verdade e da intersubjetividade. Sendo assim, como considera Moutinho, pode-se dizer que, no primeiro momento, “Merleau-Ponty tratou apenas da *percepção de outrem*, não da *comunicação com outrem*”⁴. Ou seja, por meio do horizonte perceptivo Merleau-Ponty explicitou apenas o campo fenomenal que o outro perpassa, enquanto que no trabalho sobre a linguagem é destacado o papel intersubjetivo da linguagem, mais exatamente seu desdobramento no diálogo.

Dessa forma, para abordar o tema da intersubjetividade a partir linguagem em Merleau-Ponty, consideraremos as produções⁵ do filósofo que vão do final dos anos 40 a início dos 50.

1. A análise de Merleau-Ponty sobre a linguagem em Husserl e Saussure⁶

O filósofo francês ao analisar as considerações de Husserl (1859-1938) sobre a linguagem, afirma que este propõe na quarta *Investigação lógica* a tese de “uma eidética da linguagem e de uma gramática universal”⁷. Trata-se de pressupor que a linguagem é constituída pela consciência e que as diferentes formas de línguas possuem uma dependência para com a linguagem universal, como se a línguas particulares, tais como o alemão, o francês, o inglês, etc. fossem ‘filhas’, e a universal uma ‘mãe’. Sendo assim, a gramática universal estabelece uma relação de ‘modelo’ para as línguas particulares, caracterizando-se como uma espécie de dogma.

⁴ MOUTINHO, Luiz Damon Santos. *Razão e experiência: ensaio sobre Merleau-Ponty*, p. 273.

⁵As obras que usaremos para explorar este assunto são: *Sobre a fenomenologia da Linguagem* (1951), *A linguagem indireta e as vozes do silêncio* (1952) (Publicados em *Signos*), *Resumo de cursos na Sorbonne – Filosofia e Linguagem* (1949-1952), e *A prosa do Mundo* (1969).

⁶ Não queremos com essa análise extrair elementos epistemológicos da teoria da linguagem de cada autor, haja vista que a proposta desse trabalho não é essa, mas em apresentar brevemente as considerações de Merleau-Ponty sobre a linguagem de ambos.

⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*, p. 89.

Dessa maneira, a linguagem:

É concebida como um algoritmo ou cálculo em que cada termo é conhecido com exatidão, havendo correspondência direta daquilo que se diz com as coisas, com as idéias, deixando de lado outras formas de comunicação – a literatura, por exemplo – anunciadora e enunciadora de algo que não é nosso modo costumeiro de perceber o mundo⁸.

Merleau-Ponty recusa esse reducionismo da linguagem concebido inicialmente por Husserl. O algoritmo ao procurar justificção para questões de ordem da linguagem encontra uma segurança em seus enunciados pré-estabelecidos por meio do recuo às definições iniciais. No entanto, quando necessitar realizar no mesmo algoritmo “relações para as quais ele não foi feito ou, como se diz, problemas “de uma outra forma” será talvez necessário introduzir novas definições e novos símbolos”⁹. Como considera Merleau-Ponty¹⁰, se o algoritmo propõe ser uma linguagem rigorosa e comandar a todo instante suas operações, é necessário que nada de implícito surja, é preciso que as conexões novas e as de outrora formem uma singular comunidade, que se perceba derivar de um único sistema de conexões possíveis, de maneira que nunca haja um “extrapolamento” do que se quer dizer sobre o que se diz, ou o seu inverso, que o signo permaneça um simples resumo de um pensamento que poderia a todo instante esclarecer-se e justificar-se por inteiro. O algoritmo, portanto, não dá conta do movimento dinâmico da linguagem, pois não abarca o que estiver fora do pré-estabelecido lingüístico, tal como os novos signos, significados e o próprio fenômeno da comunicação. Assim, na fenomenologia da linguagem de Merleau-Ponty:

É impossível uma universalização da língua, pois, se uma língua pode comunicar algo, isto só ocorre porque cada palavra comporta uma significação específica que lhe pertence e só pode exprimir algo em relação à aquisição cultural de cujo meio faz parte¹¹.

Segundo Merleau-Ponty, Husserl mais tarde dará um novo enfoque no tratamento da linguagem. A linguagem passará a ter o estatuto de “visar certos objetos como o corpo do pensamento ou mesmo como a operação pela qual pensamentos, que sem ela permaneceriam fenômenos privados, adquirem valor intersubjetivo e finalmente existência ideal”¹². A

⁸ MARTINI, Oneide Alves. *Merleau-Ponty: corpo e linguagem: a fala como modalidade de expressão*, p. 26.

⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*, p. 31.

¹⁰ *Ibid.* p. 31.

¹¹ SILVA, Ursula Rosa da. *A linguagem muda e o pensamento falante: sobre a filosofia da linguagem em Maurice Merleau-Ponty*, p. 53.

¹² MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*, p. 90.

linguagem deixa de ser submissa a uma eidética ou de uma gramática universal, e passa a condição de relação ao contexto intersubjetivo, de um sujeito falante, realizando assim uma *experiência da fala*. Ou ainda, a ‘viragem’ no pensamento de Husserl sobre a linguagem pode ser entendida como a passagem “de uma concepção objetivista da linguagem para uma perspectiva existencial da linguagem quando Husserl se volta para a exploração do *Lebenswelt*”¹³.

A lógica da linguagem não está mais determinada previamente, pois para um *sujeito falante* que se utiliza da língua para realizar suas expressões de significações com uma comunidade intersubjetiva, como considera Merleau-Ponty:

A língua reencontra sua unidade: já não é mais o resultado de um passado caótico de fatos lingüísticos independentes, e sim um sistema cujos elementos concorrem todos para o futuro, e assim governado por uma lógica atual¹⁴.

Após analisar a concepção husserliana de linguagem, incluindo os dois momentos de seu pensamento, Merleau-Ponty procura investigar o *fenômeno da linguagem*¹⁵, especialmente a questão da *língua* e a *palavra*. Considerando as reflexões do linguista Ferdinand de Saussure (1857-1913) no que tange a diferenciação entre linguística sincrônica da palavra e uma linguística diacrônica da língua, o filósofo francês problematiza a ambigüidade que perpassa o horizonte da linguagem, isto é, a linguagem enquanto uso subjetivo e a linguagem enquanto objeto do pensamento.

Saussure em seu *Curso de lingüística geral* (1916) considera a existência da língua a partir de um horizonte coletivo “sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos”¹⁶. No que se refere à fala, essa se difere da língua na medida em que as combinações individuais e dependentes da vontade dos falantes estão condicionadas em uma manifestação individual e momentânea¹⁷. A linguagem, portanto, possui um estatuto de ambigüidade.

Desse modo, o lingüista percebe que todas as alterações da língua “se originam em criações individuais que, posteriormente assimiladas pela comunidade falante, alteram a

¹³ MARTINI, Oneide Alves. *Merleau-Ponty: corpo e linguagem: a fala como modalidade de expressão*, p. 28-29.

¹⁴ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*, p. 91.

¹⁵ Título dado a uma seção do texto *Sobre a fenomenologia da Linguagem*.

¹⁶ SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*, p. 27.

¹⁷ *Ibid.* p. 27.

fisionomia do sistema linguístico”¹⁸. Após considerar essa dualidade da linguagem apresentada por Saussure, Merleau-Ponty identifica dois problemas que se emanam dessa concepção. O primeiro diz respeito ao papel das falas nas alterações da língua no decorrer do tempo. Saussure concebe a alteração fonética como sendo uma das formas de mutação da língua a partir da fala dos indivíduos¹⁹. A questão que se apresenta é: como a fala poderia realizar um ato criador, considerando sua univocidade?

O segundo problema é apresentado a partir da comunicação entre os falantes. O linguista “defende que o sentido dos termos não é uma propriedade inerente a cada palavra, mas sim um fruto das relações entre os diversos vocábulos de uma língua”²⁰. Assim, para que existisse um entendimento entre os falantes no que se refere ao uso de proposições lingüísticas, seria preciso uma uniformidade nos termos usados.

Merleau-Ponty, para dissipar essa dupla problemática, considera a capacidade da expressividade lingüística. Quanto à solução ao paradoxo do primeiro problema, o filósofo considera que “se forma na língua um novo meio de expressão e que uma lógica obstinada vence os efeitos de desgaste e a própria volubilidade da língua”²¹. Assim se explicaria como uma expressão de uma determinada língua poderia ser expressa em outra, ou, por exemplo, o sistema de expressão do latim, com base na declinação e na mutação flexionais, é dado lugar pelo sistema de expressão do francês, com base na preposição²².

No que se refere ao problema das relações dos sujeitos falantes e o uso das proposições, segundo Ferraz:

Merleau-Ponty defende que a fala dirigida por um sujeito a outro não é significativa apenas porque o ouvinte associa os termos a significações que ele já porta. Se a comunicação se reduzisse a essa remissão da experiência a um quadro de significações prévias, então, nada de novo poderia ser apreendido por meio dela²³.

O filósofo francês busca por meio das análises da linguística de Saussure desenvolver uma fenomenologia da fala, na medida em que procura superar o irracionalismo e o intelectualismo da linguagem. De acordo com Moutinho, o que possibilita Merleau-Ponty

¹⁸ FERRAZ, Marcus Sacrini Ayres. *Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty*, p. 76.

¹⁹ SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*, p. 179.

²⁰ FERRAZ, Marcus Sacrini Ayres. *Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty*, p. 81.

²¹ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*, p. 92.

²² Segundo Merleau-Ponty (1991, p. 92), “temos de encontrar um sentido no devir da linguagem, concebê-la como um equilíbrio em movimento”. Nesse sentido, quando um determinado conceito usado para expressar algo deixa de ser usual e passa a ser obsoleto em uma determinada língua, este para uma outra provido de novas significações por meio do uso dos sujeitos falantes.

²³ FERRAZ, Marcus Sacrini Ayres. *Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty*, p. 83.

superar esse antagonismo é, “de um lado, a *unidade* da língua que a fala expressiva revela, e, de outro, que essa unidade seja revelada precisamente *na fala*, sem o socorro de uma consciência pré-linguística”²⁴.

Merleau-Ponty investiga mais profundamente a noção de expressividade da fala, buscando esclarecer seu papel na relação entre os falantes. Segundo o filósofo, retomando a língua falada percebe-se que seu valor expressivo não é a soma de valores acumulados que pertenceriam independentes a cada elemento da rede verbal. Mas, inversamente, “estes constituem sistema na sincronia, no sentido em que cada um deles significa apenas a sua diferença com relação aos outros”²⁵, e, portanto o que existe na língua são divergências de significações.

2. A fenomenologia da linguagem de Merleau-Ponty

O contato com a linguística de Saussure e o pensamento de Husserl foi preponderante para o desenvolvimento do pensamento sobre a linguagem de Merleau-Ponty. Esse pensamento caracterizará uma fenomenologia da linguagem associada a uma teoria da intersubjetividade. O ponto de partida de Merleau-Ponty é considerar a característica expressiva da linguagem. Trata-se, com base na contribuição de Saussure sobre a relação entre signo e significação, de encontrar a possibilidade de dissipar a obsoleta discrepância entre significado e o referente a partir da noção de expressividade da palavra que possui a tarefa de articular silenciosamente entre os signos e as significações. Segundo Merleau-Ponty, “existe uma significação “linguageira” da linguagem que executa a mediação entre a minha intenção ainda muda e as palavras, de tal modo que minhas palavras me surpreendem a mim mesmo e me ensinam o meu pensamento”²⁶.

Para Merleau-Ponty, é evidente que a língua possui uma certa quantidade de signos fundamentais arbitrariamente ligados a significações já dadas. Todavia, é a partir dessas significações pré-estabelecidas que a língua detém a possibilidade de realizar infinitas significações inéditas e, portanto, de falar na mesma linguagem. Assim:

A expressão exprime porque reconduz todas as nossas experiências ao sistema de correspondências iniciais entre tal signo e tal significação, de que tomamos posse ao aprender a língua, e que, por sua vez, é absolutamente claro, porque nenhum

²⁴ MOUTINHO, Luiz Damon Santos. *Razão e experiência: ensaio sobre Merleau-Ponty*, p. 285.

²⁵ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*, p. 94.

²⁶ *Ibid.* p. 94.

pensamento permanece nas palavras, nenhuma palavra no puro pensamento de alguma coisa²⁷.

Ao contrário dos que consideram a linguagem finalizada em si mesma, juntamente com as significações encerradas – como vimos anteriormente a questão da fala em Saussure – Merleau-Ponty concebe a palavra como um organismo expressivo permanentemente animado pelas significações dos sujeitos falantes. Em outros termos, “a significação anima a palavra como o mundo anima meu corpo: por uma surda presença que desperta minhas intenções sem se mostrar abertamente diante delas”²⁸.

Na obra *Resumo de cursos na Sorbonne: Filosofia e Linguagem* – resumos realizados por alunos de Merleau-Ponty – o filósofo analisa, dentre outras coisas, a questão da aquisição da linguagem na criança. Nos meses iniciais, a criança, além de chorar e gritar, realiza movimentos expressivos e até balbucios, que devem ser considerados como expressões ancestrais da linguagem²⁹. É a partir do balbucio, dos 6 a 12 meses, que se inicia o processo de imitação, embora ainda desprovido do sentido do que se imita. Considerando que a criança detenha os primeiros vestígios da linguagem, a questão é conhecer como, conforme Merleau-Ponty, “se passou de uma atividade quase biológica a uma atividade não biológica, mas que supõe um movimento, uma atividade, para integrar-se no diálogo”³⁰.

A hipótese a essa questão pode ser entendida por meio do estatuto existencial que o corpo da criança, enquanto portador de membros estruturais que permitem a fala é excitado pelo meio que está inserido. “A linguagem dirige-se diretamente a ela, e essa sensação acústica provoca a excitação primeiro de seus membros e em seguida dos órgãos fonadores”³¹. Até mesmo a incitação das estruturas responsáveis pela linguagem, portanto, está condicionada a uma relação com o outro, no sentido de que é por meio de um ambiente humano, uma comunidade falante, que as incitações serão efetivadas.

Dessa análise segue o que Merleau-Ponty denotará, com significativa influência de Saussure, como fala falada e fala falante, a fim de compreender como ocorre a relação entre uma linguagem empírica, aquela que já está convencionalizada, e aquela que é realizada por meio de uma ação de um sujeito falante. É importante salientar que essas expressões, fala falada e fala falante, são derivadas do que Saussure denominava de lingüística *sincrônica da palavra* e

²⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*, p. 30.

²⁸ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*, p. 95.

²⁹ Id. *Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos: filosofia e linguagem*, p. 23.

³⁰ Ibid. p. 23.

³¹ Ibid. p. 25.

diacrônica da língua. Na medida em que reformula essas noções lingüísticas, o fenomenólogo aponta para um elo intermediário entre estas duas instâncias, a saber, “o ato da fala, como uma dialética entre o sentido vivido no ato de expressar e o sentido culturalizado”³².

No capítulo *A ciência e a experiência da expressão*, em *A prosa do Mundo*, Merleau-Ponty analisa, dentre outras coisas, como ocorre a relação entre um sujeito falante e aqueles signos justapostos. Segundo Merleau-Ponty, na leitura de um livro colabro com diversas maneiras para efetivar a leitura. Em primeiro lugar contribuo com o conhecimento da língua, em segundo com o entendimento do sentido das palavras usadas pelo autor. Além disso, atendo-me, num primeiro contato, desinteressado naquele enredo, até que por um desenrolar da leitura, a expressão do sentido colocado pelo autor vai de encontro com minhas significações, na medida em que eu e o autor “falamos a mesma língua, ele me fez justamente acreditar que estávamos no terreno já comum das significações adquiridas e disponíveis”³³.

A linguagem falada, portanto, é “aquela que o leitor trazia consigo, é a massa das relações de signos estabelecidos com significações disponíveis, sem a qual, com efeito, ele não podia ter começado a ler”³⁴. Já a linguagem falante, “é a interpelação que o livro dirige ao leitor desprevenido, é aquela operação pela qual um certo arranjo dos signos e das significações já disponíveis passa a alterar e depois transfigurar cada um deles”³⁵. Em outros termos:

A fala falada, a herança comum e disponível, é apenas o ponto de partida, é o passado que a expressão retoma e “deforma coerentemente”, é a língua comum. Retomando esse passado, a expressão vai dominá-lo, a fala vai dominar a língua, e o sentido novo virá à luz, por uma espécie de *astúcia* da expressão, que esposa as significações disponíveis apenas para lhes infundir uma nova vida³⁶.

É por meio dessa articulação entre linguagem falada e linguagem falante que, por exemplo, podemos pensar como ocorre o processo aberto de construção do conhecimento, ou seja, realizando uma relação de um conhecimento pré-estabelecido e uma *deformação coerente*³⁷ por meio de singulares significações. No processo de fala falada e fala falante

³² SILVA, Ursula Rosa da. *A linguagem muda e o pensamento falante: sobre a filosofia da linguagem em Maurice Merleau-Ponty*, p. 58.

³³ MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*, p. 41.

³⁴ *Ibid.* p. 42.

³⁵ *Ibid.* p. 43.

³⁶ MOUTINHO, Luiz Damon Santos. *Razão e experiência: ensaio sobre Merleau-Ponty*, p. 315.

³⁷ Por *deformação coerente*, Merleau-Ponty entende justamente o processo que um sujeito falante realiza sobre aqueles signos estabelecidos frente a um universo de possibilidades que lhe cabe ‘inventar’.

revela, portanto, a possibilidade do sujeito falante transcender-se no horizonte de construção de sentido, e não ficar acorrentado em uma ‘ditadura da palavra’ dada.

No texto *A linguagem indireta e as vozes do silêncio*, Merleau-Ponty identifica o que ele denomina de silêncio. Na medida em que ocorre a ação do sujeito falante ao expressar as palavras em busca de expressão de sentido, por vezes se diz tanto pelo que não é dito, quanto pelo que as palavras podem exprimir. Segundo o filósofo:

Se eliminarmos da mente a idéia de um *texto original* de que a nossa linguagem seria a tradução ou a versão cifrada, veremos que a idéia de uma expressão *completa* é destituída de sentido, que toda linguagem é indireta ou alusiva, é, se se preferir, silêncio³⁸.

Por conseguinte, desenvolvendo essa camada de silêncio que perpassa o fundo das palavras, veremos na próxima seção como esse fundo se faz presente por meio das relações intersubjetivas, a partir do descentramento das subjetividades. “Falemos portanto um pouco do diálogo – e primeiro da relação silenciosa com o outro –, se queremos compreender o poder mais próprio da fala”³⁹.

3. A intercorporeidade e o descentramento do Eu

Como constatamos, a linguagem algoritma, ou a linguagem universal, só considera a criação de significação de determinados signos relacionados com uma espécie de dicionário pré-determinado. Não há espaço para infinitos novos signos que seriam formados pelos sujeitos falantes. Isso porque “o algoritmo e a ciência exata falam de *coisas*, não supõem em seu interlocutor ideal senão o conhecimento das definições”⁴⁰. Em outros termos, para a linguagem universal o interlocutor seria alguém já determinado, uma espécie de um robô que aplicaria códigos para esse reproduzir.

Na obra *A prosa do Mundo*, mais especificamente no capítulo intitulado *A percepção do outro e o diálogo*, Merleau-Ponty desenvolve de modo sistemático a questão da intersubjetividade por meio da linguagem. Tomando como ponto de partida o exemplo de uma situação de discussão conflituosa, o filósofo afirma que o adversário não se encontra no rosto que se apresenta, nem mesmo na voz que exprime, e definitivamente o adversário nunca está inteiramente localizado. Suas expressões, sua voz, gesticulações, denotam apenas efeitos.

³⁸ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*, p. 44.

³⁹Id. *A prosa do mundo*, p. 218.

⁴⁰ Ibid. p. 215.

É preciso admitir, conforme Merleau-Ponty, que o corpo de outrem está diante de meu olhar, “mas, quanto a ele, leva uma singular existência: *entre* mim que penso e esse corpo, ou melhor, junto a mim, a meu lado, ele é como uma réplica de mim mesmo, um duplo errante”⁴¹.

Para Merleau-Ponty, outrem está sempre a margem de minha visão e de meu ouvir, mas nunca no “lugar que meu olhar esmaga e esvazia de todo “interior””⁴². Com efeito, o filósofo afirma ainda que “todo outro é um outro eu mesmo”⁴³. Mas, em que sentido?

Eu e o outro somos como dois círculos *quase* concêntricos, e que se distinguem apenas por uma leve e misteriosa diferença. Esse parentesco é talvez o que nos permitirá compreender a relação com o outro, que, de outra forma, é inconcebível se procuro abordar o outro de frente e por seu lado escarpado⁴⁴.

Entre eu e outrem há uma familiaridade em comum, porém nossos gestos no mundo nos arrastam, na medida em que atesta, para uma plena diferença. Quer se defenda que do ponto de vista do *cogito* objetivo possa apreender o outro e dar-lhe forma, veremos que sua diferença escorrega de nossa percepção. “Eu acreditava dar ao que vejo seu sentido de coisa vista, e uma dessas coisas de repente furta-se a essa condição, o espetáculo acaba por atribuir-se um espectador que não sou eu e que é copiado de mim”⁴⁵. O outro é como esse duplo que um doente sente ao seu lado, que se assemelha a ele como um irmão, que é impossível de fixar sem fazer desaparecê-lo, e do ponto de vista visível, não passa de um prolongamento externo dele mesmo, haja vista que com um pouco de atenção é suficiente para reduzi-lo⁴⁶. Com efeito, é preciso compreender como ocorre a descentralização que possibilita me relacionar com o outro de forma que não o reduza em um objeto constituído por minha consciência. Como sabemos, o outro não reside “nas coisas, não está em seu corpo e não sou eu”⁴⁷. Aliás, ele não está em lugar algum no ser. É preciso considerar, conforme Merleau-Ponty⁴⁸, que desde o instante em que me servi de meu corpo para mergulhar no mundo, percebi que a relação que meu corpo possuía com o mundo não era fechada, mas aberta a um horizonte que guarda uma abertura para uma outra percepção do mesmo mundo que eu

⁴¹ Ibid. p. 219.

⁴² Ibid. p. 219.

⁴³ Ibid. p. 219.

⁴⁴ Ibid. p. 220.

⁴⁵ Ibid. p. 221.

⁴⁶ Ibid. p. 219.

⁴⁷ Ibid. p. 223.

⁴⁸ Ibid. p. 223.

percebo. Para que eu possa perceber outrem no mesmo mundo que eu, é preciso que seus gestos surjam espontaneamente revelando sua presença.

No momento em que o homem desperta ao sol e estende a mão em direção a seu chapéu, entre esse sol que *me* queima e faz piscar *meus* olhos, e o gesto que *lá* de longe traz um alívio à minha fadiga, entre essa frente abatida ali e o gesto de proteção que parece me pedir, um vínculo se estabelece sem que eu tenha de decidir nada; e se sou para sempre incapaz de viver efetivamente a queimadura que o outro sente, a mordida do mundo tal como a sinto em meu corpo fere tudo o que está exposto como eu, e particularmente esse corpo que começa a defender-se contra ela⁴⁹.

Conforme o exemplo de Merleau-Ponty, outrem desperta em mim uma espécie de ‘identificação ingênua’, no sentido de que vejo no outro um gesto que se assemelha ao meu. Percebo comportamentos no mundo que habito, justamente porque esse mundo conduz consigo minha corporeidade, de forma que os comportamentos de outrem se encontram emaranhados no mesmo mundo que os meus. Outrem não está situado em um espaço objetivo, mas “nessa “localidade” antropológica, meio obscuro no qual a percepção irrefletida se move à vontade”⁵⁰. Além disso, é preciso destacar como nos relacionamos com o mundo, que não é uma relação solipsista, mas uma encarnação com o mundo e com outrem que, também, “não é um acidente de fora em direção a um puro sujeito de conhecimento, “um conteúdo” de experiência entre muitos outros, mas nossa inserção primeira no mundo e no verdadeiro”⁵¹.

É considerando esse pano de fundo que podemos pensar a relação silenciosa com outrem por meio da fala. Para Merleau-Ponty⁵², a relação com um livro inicia-se pela familiaridade com as palavras da língua habitual, da mesma forma as idéias que se fazem presentes em nossa bagagem, assim também é a relação com outrem que a princípio reconheço seus gestos conforme os da espécie humana.

O outro se revela justamente por meio da familiaridade que dele se tem. Quando comumente se julga conhecer outrem pela quantificação de tempo de convivência, ocorre que, por um determinado momento, haja um estranhamento justamente porque o outro não é um vazio que vamos preenchendo com o passar do tempo. Isso acontece “quando o outro organismo, em vez de “comportar-se” como eu, emprega em relação às coisas de meu mundo um estilo que a

⁴⁹ Ibid. p. 223-224.

⁵⁰ Ibid. p. 226.

⁵¹ Ibid. p. 227.

⁵² Ibid. p. 232.

princípio me é misterioso”⁵³. Isso ocorre também na leitura, por um dado momento a intenção do autor escapa de nossas expectativas, de nossa projeção. É preciso que se retorne, ou siga em frente, e mais tarde por um termo bem escolhido faça alcançar e conduzir ao centro de uma nova significação a ponto de que ela, a intenção do autor, passe a fazer parte de nossa experiência.

Segundo Merleau-Ponty, o papel dos signos é edificar aquilo que denotamos como *mundo cultural*. A fala, por sua vez, é precisamente “o poder que temos de fazer que certas coisas convenientemente organizadas sirvam para pôr em relevo, para diferenciar”⁵⁴ e, além disso, para emaranhar as significações que perpassam pelo mundo sensível. Assim sendo, a percepção de um autêntico *alter ego* presume que sua fala, no instante em que se compreende e no momento em que se protege de nós e ameaça tornar-se não sentido, “tenha o poder de nos refazer à sua imagem e de nos abrir a um outro sentido”⁵⁵.

Dessa forma, segundo o filósofo:

Entre mim como fala e o outro como fala, ou de maneira mais geral, entre mim como expressão e o outro como expressão, não há mais a alternância que faz da relação das consciências uma rivalidade. Não sou apenas ativo quando falo, mas precedo minha fala no ouvinte; não sou passivo quando escuto, mas falo de acordo com o que o outro diz. Falar não é somente uma iniciativa minha, escutar não é sofrer a iniciativa do outro, e isto porque, em última análise, como sujeitos falantes, *continuamos*, retomamos um mesmo esforço, mais velho que nós, no qual estamos ambos apoiados, e que é a manifestação, o devir da verdade⁵⁶.

A ressignificação fenomenológica da linguagem é o que possibilita Merleau-Ponty considerar um constante devir de produção de sentido por meio da fala. E nesse sentido a linguagem não impede a intersubjetividade, justamente porque o ato criador da palavra possibilita inegotavelmente incitar significações divergentes na construção da verdade. “O fundamento da verdade não está fora do tempo, está na abertura de cada momento do conhecimento aos que o retomarão e o transformarão em seu sentido”⁵⁷. Assim como não há uma consciência absoluta, assim também não há uma verdade definitiva. O que esconde os sujeitos falantes é justamente a equívoca atitude de se considerar somente o modelo de fala

⁵³ Ibid. p. 232.

⁵⁴ Ibid. p. 233.

⁵⁵ Ibid. p. 233.

⁵⁶ Ibid. p. 234.

⁵⁷ Ibid. p. 234.

como enunciado, e fora isso não existir nada. Portanto, tudo o que há de tácito em tono dos enunciados e indicativos é desconsiderado.

No que se refere à relação silenciosa com outrem, essa revela a descentralização do sujeito, de forma que este é “circundado por outrem e que ambos se revelam carne da mesma carne, partes daquela corporeidade anônima”⁵⁸. Vale ressaltar que outrem enquanto um *outro eu mesmo* me descentraliza na medida em que se revela pelo ato da fala sua diferença mais íntima. Além disso, é preciso destacar que essa diferença não se apresenta de maneira redutível, como uma diferença *constituente*, mas como um outro que carrega consigo uma carne da mesma carne que a minha, ou em outras palavras somos ambos partes de uma corporeidade anônima.

Para Moutinho:

O diálogo mostra igualmente o descentramento do sujeito, a necessidade de que um sujeito se transforme no outro e, assim, tornem-se partes de um mesmo mundo cultural, a ponto de, cada um deles, ao falar, retomar sempre o mesmo e único esforço, que é o devir espontâneo da verdade, a reuni-los todos em um só tecido⁵⁹.

Eu e outrem estamos ligados pelo mesmo tecido do mundo. Quando falamos revelamos não só o que captamos por nossa percepção tácita que nos faz familiares em algumas circunstâncias, mas principalmente por uma diferença que nos caracteriza como singulares. A diferença de outrem, segundo Merleau-Ponty, passa a fazer parte de meu horizonte de significações na medida em que eu retomo em algum momento e passa-se a integrar-se com minha experiência. Segundo Müller, em Merleau-Ponty, a intersubjetividade é uma “dialética sem síntese, vivida nos termos de um transitivismo entre eu e meu semelhante a partir do que nos é comum, precisamente nossa passividade frente ao estranho, seja ele o mundo ou o olhar de alguém”⁶⁰.

Considerações Finais

Se na *Fenomenologia da Percepção* o que assegurava a coexistência dos sujeitos era o cogito tácito que habita cada um dos sujeitos e é por meio dele que se pode generalizar a

⁵⁸ MOUTINHO, Luiz Damon Santos. *Razão e experiência: ensaio sobre Merleau-Ponty*, p. 338.

⁵⁹ *Ibid.* p. 338.

⁶⁰ MÜLLER, Marcos José. “Outrem em Husserl e em Merleau-Ponty”. In. BATTISTI, César Augusto (Org.). *Às voltas com a questão do sujeito: posições e perspectivas*, p. 329.

hipótese da existência de outros sujeitos, na *A Prosa do Mundo*, conforme esclarece Müller, o ponto culminante que nos mantém é a existência do:

Próprio outro, ao outro que habita meus próprios comportamentos; o qual para mim não é mais do que uma estranheza íntima, tal como aquela que experimento diante do olhar que me fita de longe e que me faz sentir passivo. É como se, partindo de meu semelhante, o outro retornasse a mim, onde sempre existiu, não como um *cogito*, mas como um acontecimento surpreendente⁶¹.

No que tange a coexistência com meu semelhante, essa não descortina, continua Müller:

Nossas ipseidades solitárias, mas nossa cumplicidade em torno do estranho, frente ao qual somos passivos, porquanto esse estranho a nós se impõe. Minha vida anônima e a de meu semelhante agora se “emparelham” em torno desse terceiro – que é o outro – e na intermediação de quem nos alternamos ora como ativos ora como passivos⁶².

Nesse sentido, o aprofundamento da noção de alteridade se dá de maneira direta, ou seja, eu e meu semelhante participamos do mesmo drama, e quando entramos em contato nossas ações remetem-nos um ao outro a esse estranho que perpassa ontologicamente em nós. Considerando a noção de *aparelhamento*, herança husserliana, Merleau-Ponty procura mostrar que “nossa vida intersubjetiva é antes a participação nessa espontaneidade estranha, o acoplamento de nossas vidas a esse terceiro surpreendente que, a qualquer momento, nos destitui de nossas próprias intenções”⁶³.

É interessante perceber a exclusividade que Merleau-Ponty desenvolve na questão da alteridade nesse momento de seu pensamento. O outro agora não é somente outra consciência habitante de um corpo, mas “essa alteridade radical só é alteridade porquanto ela se manifesta em um visível como eu, em um corpo habitante de um mesmo mundo sensível”⁶⁴.

Para Merleau-Ponty, o estranhamento revelado pela relação com outrem me remete a uma constatação capital, a saber, que o outro não é somente um outro ‘exterior’ a mim, mas um estranho, um outro, que perpassa em mim mesmo. Eu sou também um outro. Assim, a relação com outrem por meio da comunicação revela um estranho que perpassa pela nossa própria facticidade.

⁶¹ Ibid. p. 324-325.

⁶² Ibid. p. 325.

⁶³ Ibid. p. 325.

⁶⁴ Ibid. p. 320.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERRAZ, Marcus Sacrini Ayres. *Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty*. 1. ed. São Paulo: Papyrus, 2009.

MARTINI, Oneide Alves. *Merleau-Ponty: corpo e linguagem: a fala como modalidade de expressão*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo. 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*. 1. ed. São Paulo: CosacNaify, 2012.

_____. *Signos*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos: filosofia e linguagem*. 1. ed. Campinas: Papyrus, 1990.

MÜLLER, Marcos José. “Outrem em Husserl e em Merleau-Ponty”. In. BATTISTI, César Augusto (Org.). *Às voltas com a questão do sujeito: posições e perspectivas*. 1. ed. Cascavel: Unijuí; Edunioste, 2010. p. 315-333.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. *Razão e experiência: ensaio sobre Merleau-Ponty*. 1. ed. Rio de Janeiro: Unesp, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Ursula Rosa da. *A linguagem muda e o pensamento falante: sobre a filosofia da linguagem em Maurice Merleau-Ponty*. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.